

*Texto extraído dos cursos ministrados aos domingos por Dr. Roberto Assagioli no Instituto di Psicossíntesi, Florença. Tradução Livre: Centro de Psicossíntese de São Paulo, agosto/2017.*

Lição IX – 1963

## LEIS DA VONTADE – A VONTADE BOA

Roberto Assagioli

Continuamos o exame das leis psicológicas que podemos utilizar para desenvolver uma eficaz ação volitiva. Examinamos seis.

A sétima lei é a seguinte: “As ideias, as imagens, as emoções e os sentimentos, as tendências e os impulsos, associam-se e reagrupam-se em geral em “ideias-força” e em complexos psíquicos”.

“Ideia-força” é uma expressão do filósofo Fouillé que se aplica bem, uma vez que indica a associação entre a ideia, o conceito e dinamismo e a força emocional e propulsiva.

Quanto ao “complexo”, é uma palavra geralmente usada, desde quando a psicanálise a introduziu e difundiu. Estas “formações psíquicas” tendem a agrupar-se ou chegam muitas vezes a formar subpersonalidades bem definidas. Já falei sobre isso na segunda aula sobre A alma múltipla.

O conhecimento ou o uso desta lei é importante, uma vez que sobre ela baseiam-se três tarefas fundamentais da vontade. A primeira é a de não submeter-se ao domínio das ideias-força, dos complexos ou subpersonalidades. Por isso, é necessário reconhecê-los, não nos identificarmos com eles, ou desidentificarmos-nos deles, para ao contrário, sermos nós a dominá-los. A segunda tarefa é utilizá-las oportunamente segundo as necessidades, circunstâncias e objetivos que nos propomos. A terceira tarefa é modificar, plasmar tais subpersonalidades, ou sem dúvida promover a formação de novas.

Algumas entre estas subpersonalidades correspondem aos vários papéis ou funções que devemos realizar na vida, que já foram mencionados. Trata-se, portanto, de algo prático que volta o olhar a cada um de nós e do qual não podemos nos furtar.

Examinemos brevemente algumas destas funções, sobretudo a do cônjuge. É uma função específica bem definida e complexa, cuja execução requer várias atividades físicas ou psíquicas coordenadas, que constituem, ou deveriam constituir, uma subpersonalidade coerente e orgânica. Eu disse “deveriam”, uma vez que raramente a subpersonalidade chega a este grau de formação e coordenação; geralmente permanece incompleta, imatura, inadequada em relação à árdua tarefa que deveria desenvolver; por vezes, no entanto assume um “lugar psicológico” excessivo, de tal modo a absorver a personalidade toda.

O mesmo pode-se dizer dos papéis ou funções de pai e mãe, e dos papéis profissionais e sociais. Aqui também se pode notar muitas deficiências e erros. Atualmente, na vida moderna, o erro mais frequente é a “ausência do pai”: o homem ocupado e preocupado com suas atividades profissionais, com as condições econômicas, e etc., negligencia exercer a própria função paterna. É uma função difícil, principalmente com as crianças e com os jovens modernos; mas tanto mais e melhor deveria ser exercitada. Uma das causas da rebelião dos jovens é atribuída ao fato que o pai não começou no fim da infância a desenvolver a própria função; porque o filho sentiu a falta do guia necessário ou encaminhamento à vida, e então, se torna rebelde e muito independente, ou então se sente desorientado, não apoiado nem ajudado. No caso da mãe é mais fácil o erro oposto, isto é um apego excessivo, uma tendência a oprimir, a “possuir” o filho ou a filha.

Além destas dificuldades inerentes a cada uma das funções, existem os contrastes entre às várias funções. Frequentemente há contraste, ou pelo menos desproporção entre a função conjugal e a de pais. Algumas mulheres são principalmente “conjugais”, esposas; para elas a maternidade é um peso; procuram não tê-la ou a limitam. Seja como for, há um interesse secundário. Existem ao contrário as mulheres tipicamente “mães”, para as quais o marido serviu somente para dar a elas os filhos: elas não cuidam deles, não se sentem ligadas a eles, mas dedicam-se totalmente, até excessivamente, aos filhos.

Em todos esses casos, e em muitos outros, existem tarefas de equilíbrio e síntese que deveriam ser reconhecidas e realizadas conscientemente. A psicossíntese da personalidade requer o desenvolvimento adequado de cada uma das funções humanas nas suas justas proporções, e sua integração harmônica. É uma tarefa certamente árdua, e ninguém deve iludir-se em poder realizá-la de modo perfeito; mas

não há como fugir disso. Por isso, é bom enfrentá-la com clara visão e se propor a realizá-la com vontade decisiva, constante e sábia. Mediante o conhecimento e o uso das leis da vontade, cada um pode desenvolver as suas várias funções humanas de modo satisfatório e construtivo.

Vamos à oitava e última lei e, limito-me a estas leis principais, mas existem outras: “As ideias-força, os complexos psíquicos e as suas subpersonalidades, tendem a afirmar-se e colocam-se em ação no eu – fora da nossa consciência e também contra a nossa vontade – os meios para a sua atividade e para sua afirmação”.

Esta lei foi chamada por Baudoin a “lei das finalidades subconscientes”. No fundo esta é uma definição do fato de que em nós todos há uma parte inconsciente, mais ampla do que a zona consciente da personalidade, e que nela se desenvolvem atividades que não obedecem à vontade consciente. Mas há mais: o inconsciente tem poderes que a personalidade consciente não tem. As faculdades e as funções parapsicológicas são estudadas cientificamente e se reconhece cada vez mais que elas não são algo anormal, extraordinário; são faculdades e funções normais do inconsciente. Muitas vezes não são desenvolvidas, mas existem latentes ou mais ou menos ativas, no inconsciente de todos e não raro agem sem que nós percebamos. Não me referirei agora, mas apontarei somente para algumas atividades, não particularmente parapsicológicas, nas quais o inconsciente demonstra poderes superiores em relação aos da personalidade consciente.

Baudoin em seu livro Suggestion ET Autosuggestion (a nova edição cujo título Psychologie de La Suggestion ET de l'Autosuggestion – edition Du Mont Blanc, Geneve) demonstra o admirável poder terapêutico que se pode colocar em ação mediante as sugestões dadas pelo consciente ao inconsciente. A ação que a nossa personalidade consciente não pode exercitar diretamente no corpo, pode ser executada pelo inconsciente. Antes eu disse que o inconsciente não obedece muito ao consciente, mas, se tratado bem, se “acolhido”, coopera voluntariamente. Em geral é culpa da personalidade consciente se o inconsciente se torna rebelde; o inconsciente por si não tem uma “vontade” própria. Ele não é uma “entidade”, é um conjunto de atividades e de funções psíquicas, que podemos dirigir e utilizar – mas não com a imposição direta da vontade, através do uso hábil da sugestão. Com o método da sugestão e da autossugestão obtêm-se efeitos curativos, justamente graças às leis

das finalidades subscientes. Se se dá uma entrega ao inconsciente, se lhe propõe um objetivo, ele encontra por si os meios eficazes para realizá-lo.

Outro fato de que muitos tiveram experiência, confirmada por grandes cientistas, é a solução de problemas. Muitas vezes acontece que quando temos um problema a resolver, seja prático, seja teórico, quanto mais nos aborrecemos, quanto mais insistimos em resolvê-lo, menos conseguimos. Mas se o colocamos a parte e nos ocupamos de outro, apresenta-se espontaneamente à mente a solução. Isto pode acontecer também no sonho, ou no momento do despertar. O que significa isto? Significa que a nossa tentativa de resolver o problema colocou em movimento atividades inteligentes do inconsciente, que elaboraram os dados do problema, encontraram a solução ou, a primeira ocasião possível, projetaram-na no campo claro da consciência. Esta é uma direta e clara demonstração da atividade construtiva, útil do inconsciente que faz as coisas que o consciente não sabe fazer.

Isto é, entretanto, verdadeiro em relação à criatividade artística. O artista não pode criar à vontade, está à mercê daquilo que chama “inspiração”. Nas poesias do passado há diversas invocações à “Musa” que nada mais é que um símbolo do inconsciente superior, do supraconsciente. Portanto o artista está à mercê da atividade criativa do inconsciente superior que também neste caso demonstra possuir poderes maiores do que aqueles da parte consciente da personalidade. Os artistas que querem criar conscientemente, geralmente não são os melhores artistas; como de outra parte não o são aqueles que deixam livre curso ao inconsciente inferior ou deixam aflorar todos os seus conteúdos caóticos. Mas também no caso da criação artística existem modos, métodos mediante os quais se pode influir sobre a atividade do supraconsciente, pode-se promovê-la, favorecê-la. Facilitar a “descida” no campo da consciência. (Não podemos falar agora; poderemos fazê-lo em outra ocasião).

Retomamos o exame das subpersonalidades. Elas, na psicologia antiga, pré científica, mas que era baseada na observação direta do ser humano, e na qual se podem encontrar ainda hoje dados muito uteis, eram chamadas “paixões”. Na verdade, todo desejo intenso, todo interesse dominante, é em certo sentido uma subpersonalidade, que persegue com muita habilidade o próprio fim. Pensa-se daqueles que são possuídos pela ambição e pelo desejo de enriquecer: neles a vontade é frequentemente mais eficaz do que naqueles que têm fins e aspirações mais elevadas. Isto significa que estes fins, estas aspirações “pressionam” menos – também no

sentido etimológico da palavra – exercitam menor pressão, das paixões, dos desejos egoístas. Mas aqui é preciso clarear um fato importante. Estes ambiciosos, estes ávidos, parecem ser os “volitivos”, mas na realidade a vontade deles está à serviço da paixão dominante o que é outra coisa. De fato, fora do campo específico da ambição e do ganho estão muitas vezes os fracos, justamente porque toda sua força de vontade está monopolizada pela sua paixão; são os fracos na família, ou diante de um vício, ou um hábito, como o álcool, o fumo, e outras coisas. Por isso não podem ser considerados como verdadeiros “volitivos”. Os sucessos desses “homens de sucesso” são muitas vezes efêmeros ou pagos a preço caro. Não raro o ambicioso é superado por alguém mais ambicioso e mais hábil que ele, não raro a sede de ganho cega de modo a cometer coisas ilícitas ou graves erros.

Isto nos leva a falar da terceira característica essencial da vontade boa.

## **A VONTADE BOA**

Dissemos que a vontade integral deve ser um conjunto: forte, sábria ou hábil, e boa. De fato, o indivíduo não está isolado; não somente tem contínuas relações com outros na família e na sociedade, mas é parte de uma ordem universal, do cosmo. Apresentam-se, portanto, dois grandes problemas, ou melhor, duas séries de problemas: os das relações entre a vontade individual e as leis do vir a ser universal, expressões que se podem chamar, com termos neutros, Vontade cósmica. Uma vontade, ou forte e hábil, que não considere tais relações, se expõe a choques, a reações que podem destruir o edifício que tinha penosamente construído. Todavia, principalmente agora, usa-se muito o método voluntarioso da imposição e da luta. A vida moderna oferece o espetáculo de um tumultuoso agitar-se de vontades individuais e coletivas que tentam superar a história. Lutas entre classes sociais, partidos, nações, e agora entre continentes. Lutas de indivíduos pelo domínio dentro de alguma classe, nação, partido. Lutas dentro da mesma família, entre marido e mulher, com os filhos e os parentes.

É incalculável o desperdício de riquezas materiais e psicológicas, de dinheiro, de tempo, energias físicas, morais e volitivas e a quantia de sofrimento produzido por estas lutas. Na verdade, a nossa civilização, que se diz baseada na economia, implementou seu método de vida mais antieconômico, desgastante, cansativo, estúpido, além de antiespiritual, mais que se possa imaginar. Não há somente o

desperdício econômico, a excessiva produção de bens e a publicidade para induzir a comprar coisas inúteis, mas também o desperdício das energias humanas nestas competições, nestas lutas desnecessárias. Insisto nisto: desnecessárias. É a colocação radicalmente errada da vida materialista que as produz, mas poderiam ser eliminadas.

Os espíritos mais iluminados e verdadeiramente práticos dão-se conta deste fato, e em várias partes se aconselha e se tenta substituir nas relações entre as classes sociais, as nações, os grupos, a luta com o acordo, a competição com a cooperação. Pode-se dizer alias que esta tendência à cooperação, ao entendimento, às corretas relações humanas, esteja rapidamente se confirmando. Não é necessário ver somente as sombras da vida moderna, mas existem também luzes vívidas. Um número crescente de indivíduos ou de grupos compreendeu e está compreendendo o erro ora indicado; há uma forte reação ao comportamento competitivo e uma preparação até ao que se pode chamar de psicossíntese interindividual e de grupo. Mas o êxito destas tentativas depende da livre adesão das vontades individuais, e por isso pede uma preliminar educação destas vontades, que harmonizem e acomodem seus objetivos particulares no âmbito de uma superior solidariedade humana.

A cooperação, o acordo não pode ser imposto; aqui está a contradição, implícita nos métodos totalitários, em cada campo. Pessoas podem ser obrigadas a cooperar mediante ameaças e punições, mas é uma cooperação forçada que provoca rebeliões e que cessa apenas logo que a coerção se enfraquece ou desaparece. Por isso, não se trata de suprimir ou oprimir a vontade individual; é necessário, aliás, desenvolvê-la, mas, na correta direção, e depois usá-la de modo justo.

Considerações análogas podem ser feitas em torno das nossas relações com a natureza e com o universo. São relações complexas e misteriosas que levantam as mais árduas questões sobre a origem, significado e objetivo da vida, que formam os limites perenes das meditações filosóficas, dos anseios espirituais, das fés religiosas. Não é possível tratar agora tais questões; mas na verdade pode-se fazer algumas constatações e extrair suas consequências e as normas práticas de ações de que necessitamos. Não é possível prescindir dos problemas que, enquanto podem parecer abstratos, remotos, na realidade condicionam cada ato da nossa vida cotidiana. Nós somos continuamente obrigados, dando-nos conta ou não, a “tomar posições” diante da vida e dos seus acontecimentos, e isto implica necessariamente algumas

concepções e avaliações da vida, ou seja, uma “filosofia”, uma fé, mesmo que elementar, incerta e não claramente consciente. Na verdade, o mistério que a cegueira materialista e a presunção intelectual acreditaram banir permeia tudo que nos circunda; o encontramos tanto no fio da erva como no cometa errante, e principalmente dentro de nós.

Mas ao tomar posição frente a vida, estamos acostumados a cometer os mesmos erros que revelamos nas relações com nossos semelhantes: a nossa orgulhosa vontade pessoal tenta continuamente forçar a natureza, rebelando-se com os acontecimentos. Mas a natureza, a vida, não se deixam vencer; há no universo, como se concebe, uma grande lei de harmonia, de equilíbrio, de compensação, pela qual toda ação produz uma reação correspondente, toda violação da ordem e da harmonia repercute com seus efeitos sobre quem a produziu, como o bumerangue do australiano que cai sobre aquele que o arremessou. É necessário, portanto, frear os nossos movimentos de rebeliões, aprender a entoar e a cooperar com as leis que dirigem a vida.

Isto requer uma educação específica da vontade. A vontade que tem o poder de desenvolver e reforçar a si mesma e aquele que dirige as outras energias psicológicas, tem também aquilo, que é seu mais alto poder, dominar a si mesma. Ela tem o poder de disciplinar-se, de conter os justos limites da própria ação, de adaptar-se harmonicamente com a vontade dos outros, de aderir e de subordinar-se aos princípios ideais, ao querer universal, livremente reconhecido e aceito. Esta vontade boa não deve ser confundida com os desejos, as veleidades, as aspirações idealistas de tantas pessoas boas; ela é um propósito firme, é potência e ardor; é uma união de força e de bondade, uma força que quer ser boa.

Um dos principais obstáculos que se opõem à vontade boa é o egocentrismo. Pode incluir o egoísmo verdadeiro e próprio, mas não é somente isto, uma vez que pode basear-se no afeto sincero por outros, com atos de sacrifício. O egocentrismo é a tendência geral a referir tudo a si mesmos, a considerar tudo subjetivamente, em função dos próprios interesses e das próprias ideias, das próprias reações emocionais, e também das próprias aspirações, dos próprios ideais de bem. O egocêntrico às vezes se aflige a fazer o bem, mas é um bem feito a seu modo; muitas vezes é um bem prepotente e fanático. Ele quer converter às suas convicções, impor seus métodos, só vê salvação no remédio que ele oferece, e tudo isto com as melhores

intenções! Este comportamento depende de um erro de perspectiva; poder-se-ia chama-lo um “Ptolomeu psicológico”: é um comportamento que foi descrito com bom humor por Manzoni na figura de Dona Praxedes. O seu tratamento consiste no reconhecimento do nosso verdadeiro lugar no universo. Se nos damos conta da grandeza do cosmos, da amplitude dos seus ciclos, se reconhecemos que somos pequenas partículas disso, semelhantes a miríades de outras partezinhas, um entre os milhares de habitantes de um pequeno globo, que por sua vez é um dos planetas de uma estrela que está entre milhares de outras estrelas – então acontece em nós pouco a pouco, por vezes um traço, uma revolução interna que poder-se-ia chamar uma “revolução Copernicana”. Então não nos sentimos mais como centro do universo, reconhecendo como é ridícula esta ilusão; estabelecem-se as verdadeiras proporções; ou então, por um curioso paradoxo psicológico e espiritual, ao contrario de sentirmo-nos diminuídos e humilhados, experimentamos um senso de dignidade nova. Perdendo nosso efêmero senso de importância, reconhecendo a mesquinhez do nosso orgulho e dos nossos méritos pessoais, sentimos que a “substancia” do universo está também em nós; que somos parte integrante e indissolúvel e provamos a alegria de ser conscientes. Então retornamos às labutas da vida comum mais serenos, melhores, com a visão mais límpida também para os problemas práticos; aquela consciência permanece em nós e nos ajuda nos momentos difíceis e dolorosos.

Isto nos leva ao ultimo e mais alto pico da educação da vontade, à adesão à Vontade Universal. Ao contemplar o grande universo do qual somos partículas, sentimos que ele não é algo morto, mecânico, mas também impregnado de uma vida perene, sentimos que não pode ter um significado e um fim. Também quem não tem uma fé religiosa ou uma filosofia definida, observa-se sem preconceitos o desenvolver-se dos fenômenos naturais, não pode não ver como eles obedecem a uma lei de evolução e de progresso, não pode não perceber na estrela, no inseto, no átomo e no próprio coração a mesma escura motivação até uma meta obscura.

Quando percebemos a realidade e a potencia desta lei universal de vida, fica claro que é inútil opor-se a ela, descobrimos que a verdadeira causa de tantos insucessos consiste na nossa incompreensão e violação dessa lei. Então surge em nós o impulso espontâneo para aderir a ela e obedecê-la. E novamente apresenta-se um paradoxo; a vontade individual que livremente adere à Vontade Universal, que mergulha e se funde com ela, não se diminui por causa disso, não se anula, no instante no qual parece



“morrer” ressurgue transfigurada. Quando aceitou cooperar harmonicamente com a Vontade que move o universo, torna-se consciente que esta Vontade coopera com ela, coloca a sua disposição as próprias energias infinitas.

Assim a vontade tornando-se boa, torna-se também forte e mais sábia, e deste acordo, desta síntese das suas três notas surge a vontade integral, a vontade perfeita.